

Domingo de Pentecostes

1ª leitura (Antigo Testamento) - Isaías 44.1-8

A leitura de Segundo Isaías (*Livro da Consolação de Israel*, capítulos 40-55) está situada dentro de contexto de uma segunda geração de exilados que já vislumbram no horizonte a ascensão do Império Persa e seu possível retorno a terra mãe de Israel.

O Segundo Isaías expressa sua esperança resgatando a maternidade de Deus. Usa palavras como *"ventre materno"* (v.2) para exemplificar a relação entre o SENHOR e Israel. Outra expressão semelhante a de Is 44:2 pode ser encontrada em Is 46:3: *"Ouvi-me, ó casa de Jacó e todo o restante da casa de Israel; vós, a quem desde o nascimento carrego e levo nos braços desde o ventre materno"* (Almeida). A estas referências pode ser acrescentada Is 49:1 onde o "Servo Sofredor" (que representa o povo de Israel exilado e sofrido) se diz vocacionado desde o *"seio materno"*. E qual seria o *"seio materno"* de Israel senão o seio do próprio SENHOR?

Em 44:3-4 a profecia anuncia que o SENHOR derrama seu ESPÍRITO. A palavra ESPÍRITO, em hebraico *"ruah"* é feminina e é colocada num contexto de fecundidade ao indicar o derramamento de água sobre terra seca, isto é, infértil, O Espírito feminino de Deus gera a Vida como uma mãe o faz no seu ventre, também líquido. Em 4:5, Deus Mãe portadora e doadora do Espírito outorga (ou restaura, se pensarmos em termos da volta do exílio) o nome do povo (filho) Jacó-Israel. Esta profecia desafia a reconhecer a ação do ESPÍRITO, como um ação divina que deve ser compreendida em termos femininos, ação que celebramos em Pentecostes.

Os seguintes versículos (v.6-8) tratam outro assunto. A questão aqui é a reafirmação da unicidade de Deus. O interessante desta proclamação é o uso de dois termos "não- há" (em hebraico *"'ein"* e "como-EU" ou "semelhante a MIM" (em hebraico *"camony"*). Além de em Is 44: 6 e 8 é possível ler uma afirmação semelhante em 46:9 : *"Lembrai-vos das coisas passadas da antigüidade: que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim"*. É pouco provável, considerando o contexto religioso da antigüidade, que Israel simplesmente ignorasse a presença de outras divindades além do SENHOR. O apóstolo Paulo, um cidadão do mundo, reflete bem a realidade ecumênica do mundo antigo quando diz: *"Porque, ainda que há também alguns que se chamem deuses, quer no céu ou sobre a terra, como há muitos deuses e muitos senhores"* (1 Coríntios 8:5). No entanto "não há" nenhuma divindade "como" o SENHOR porque é quem gera e liberta, que nomeia e desenvolve, principalmente através da ação do seu ESPÍRITO feminino. Mesmo admitindo que há muitas mães pode se dizer: "Mãe só há uma" e como filhos de Deus Mãe pode se expressar, sem agredir ninguém, sem desrespeitar a fé de ninguém: "Deus da Vida e da Libertação só há UM/A". (HMG)

2ª leitura – Atos 2.1-11.

Na versão de Lucas a capacitação da Igreja pelo Espírito Santo ocorre no quinquagésimo dia após a Ressurreição. Nos quarenta dias, antes de sua ascensão, Jesus prepara os seus. Na versão de João, a doação do Espírito acontece no domingo da Ressurreição. O Livro de Oração Comum inclui ambas as versões: há Páscoa, Ascensão e Pentecostes em seqüência, e, ao mesmo tempo, Pentecostes faz parte da Páscoa.

A narrativa de Pentecostes é expressa por meio de símbolos como fogo e vento. De Deus vem esse vento, que é também fogo. O vento tem a ver com o sopro divino. O Espírito é sopro divino. O sopro é vida. Ele se manifesta livremente como o vento que ninguém pode controlar. É um dom inesperado e imerecido. O Espírito Santo faz em pedaços tudo que a pessoa pensa ser seguro e razoável. É a nova vida em consequência da ressurreição de Jesus.

Há aqui uma junção da Festa das Semanas, (Lv 23.20, sete semanas, Ex 34.22; Dt 16.10) do início da colheita no Antigo Testamento e sua oferenda e o início da Igreja em missão, a reunião das primícias. Vemos colocados juntos o início da colheita, um novo ciclo de vida como dádiva de Deus e o início da nova vida na história pelo sopro divino. As metáforas que vêm da experiência agrícola e da natureza são aplicadas para o evento histórico da salvação. Por isso não é uma conversa sobre a natureza, mas conversa sobre a ação de Deus e o surgimento da Igreja em Jesus Cristo. Em outras palavras, é a revelação do que Deus fez na história.

O escopo dessa revelação da graça de Deus é universal. O quadro que se nos apresenta ninguém é excluído. A lista dos povos e locais é inclusiva: todos e de todos os lugares. E a grande maravilha está em que essa diversidade, as diferenças são "mediações" de uma só mensagem e louvor e não mais "Babel, confusão de linguagem" (Gn 11). O Espírito Santo efetiva no mundo a derrubada de todas as barreiras entre as pessoas e entre elas e Deus realizada na Cruz e Ressurreição. Jesus havia dito: "Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim".(Jó 12.32).

Vs.2 - som ou barulho. Yves Saout, chama atenção para Ex 19.16 - "toda a casa e toda a montanha", respectivamente em Atos e Êxodo

Vs.3 - fogo. Compare com Ex 19.18

Vs.11 - o escopo universal de Pentecostes.

Esse paralelo nos mostra que a Igreja, na visão de Lucas, é o novo povo de Deus, comunidade do novo Pacto, Nova Aliança, Novo Testamento retomada daquele relacionamento criado na bondade de Deus para o convívio, comunhão/comunidade na igualdade, justiça, e amor a Deus e ao próximo distante e de perto, próximo diferente. E não só retomada, mas à realização em Cristo e que aguarda a sua manifestação plena. (ST)

Santo Evangelho - João 14: 8-17

O que você diria a um filho se estivesse prestes a morrer? Quais seriam suas últimas palavras? Suas últimas instruções? O que você diria ao seu filho que teria que enfrentar a vida sozinho, sem a sua presença?

No capítulo 14 do Evangelho de João, Jesus acentua a possibilidade de sua ida ao Pai e inicia um discurso onde ele pretende trazer paz aos corações preocupados com o que está prestes a acontecer. Logo no início há uma

palavra forte de Jesus: "não se turbe os vossos corações" (v.1), depois temos uma promessa: "quando eu for...voltarei e levarei vocês comigo" (v.3). Por mais tranquilizadora que sejam as palavras de Jesus, este capítulo não deixa de ser uma palavra de despedida aos discípulos. Mas, justamente no centro deste capítulo (vs. 15-17), Jesus revela algo importante para os discípulos. Há aqui, *uma Promessa de socorro para os dias de solidão*.

Nestes três versículos encontramos pelo menos três grandes verdades sobre esta *promessa de socorro*.

Em primeiro lugar encontramos *sua condição*. (v.15). Não são todos os que conseguem encontrar socorro nos dias de solidão. Somente aqueles que amam a Deus e são capazes de expressar este amor por meio da obediência. Na realidade, este binômio amor/obediência é muito comum na literatura joanina. E a razão nos aparece clara: não há amor verdadeiro que não produza obediência. Não podemos dizer que amamos a Deus se odiamos nosso irmão e, conseqüentemente, desobedecemos suas ordens. Somos convidados pelas Escrituras a não amar "apenas de palavras, mas de fato e de verdade". Isto não significa que Deus só estará conosco quando formos fieis, mas que o consolo de Deus só nos *parece presente* quando nossa sensibilidade está ativada por uma vida de submissão e de santidade.

Certa vez uma criança perguntou ao seu pai, enquanto se dirigiam à igreja: "Papai, o que é um cristão?" Imediatamente o pai respondeu: "meu filho, um cristão é alguém que ama a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo"; "um cristão é alguém que é capaz de se doar pelo outro, é alguém que refreia a língua, alguém que se compraz em fazer a vontade de Deus, enfim, alguém que segue nos mesmos passos de Jesus". Ouvindo esta descrição o garoto retrucou: "papai, quando a gente passar por um o senhor me mostra?".

Em segundo lugar, encontramos *sua descrição*. (16). Além de condicionar o socorro ao exercício do amor/obediência, em segundo lugar este texto descreve a natureza deste socorro. Ele é chamado no verso 16 de "Consolador" e no verso 17 de "Espírito da verdade". O escritor está se servindo de uma expressão jurídica aqui. No texto grego "Consolador" é a tradução de *parácleto* (para-kaleo) que encontra um paralelo no latim *advogado* (Ad-vocatur). De fato, o Espírito Santo passa agora a ser aquele que está ao nosso lado e que se pronuncia por nós. Ele é nosso consolo e nosso defensor quanto tudo parece estar dando errado.

Um amigo me contou como foi sua primeira experiência ecumênica internacional. Em um hotel extremamente grande, estavam presentes cerca de 800 pessoas dos mais diferentes lugares do mundo e das mais variadas denominações cristãs. Aquele rapaz sozinho rodeado de pessoas falando em idiomas os mais diversos, vestindo roupas as mais diversas estava se sentindo um peixe fora d'água até que apareceu alguém que ele conhecia. Falar em sua própria língua com um amigo quando não se conhece ninguém ao redor é uma experiência maravilhosa. Durante todo o encontro ele não se separou de seu amigo. O espírito Santo é a pessoa que está ao nosso lado nos momentos mais difíceis.

Em terceiro lugar, a promessa de socorro, além de ter sua condição e sua descrição, tem também *sua duração*. (16). De acordo com o versículo lido este Consolador estaria conosco "para sempre". Isto certamente deve nos

encher de alegria. E esta alegria é o resultado da tomada de consciência de que a presença do Espírito em nós não é uma realidade ocasional ou sazonal. Ele não estará conosco apenas nos melhores momentos ou durante o período em que permaneceremos no culto. Ele estará conosco mesmo nos momentos que nos esquecemos dele, nos momentos em que nos esquecemos de Deus, nos momentos em que não damos ouvidos às palavras de Deus. Ele nunca nos deixa em nenhum momento de nossas vidas. Mesmo quando somos infiéis ele permanece fiel, diz as Escrituras.

Lembre do sonho das pegadas na areia. Nossa vida é como uma longa caminhada na areia. Nos momentos felizes, quando olhamos para trás, vemos dois pares de pegadas: as nossas e as de Deus. Ele está ao nosso lado. Mas nos momentos difíceis e tristes, quando olhamos para trás vemos apenas um par de pegadas na areia. E, então perguntamos: será que Deus os abandonou justamente nos momentos mais difíceis de minha jornada? A resposta do Senhor é: "Não meu filho!", eu não te abandonei; nos momentos mais difíceis de sua jornada eu te carreguei nos meus braços. (JLFA)